

## A TRANSFERÊNCIA FREUDIANA E AS FIGURAS DA RETÓRICA: UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO

### FREUDIAN TRANSFERENCE AND FIGURES OF RHETORIC: A POSSIBLE APPROACH

Pedro Fernandez de Souza<sup>1</sup>

#### Resumo

Por meio de uma análise semântica e conceitual, pretende-se neste artigo revisitar o conceito freudiano de *transferência* (*Übertragung*), pondo-o em contato com o campo da retórica. Com efeito, a expressão “em sentido figurado” pode ser dita, em alemão, *im übertragenen Sinn*, literalmente “em sentido transferido”. Partindo desse fato semântico, voltamo-nos à retórica e à sua definição de *figura*, procurando relacioná-la com um uso não-clínico do verbo *übertragen* no próprio Freud. Nota-se que, antes de se referirem a um conceito clínico, o verbo *übertragen* e o substantivo *Übertragung* detinham sentidos bem mais amplos sob a pena freudiana e muito próximos da definição retórica de *figura*. “Transferir”, por fim, seria uma operação genérica do aparelho psíquico, a um só tempo dinâmica (transfere-se energia psíquica) e semântica (com isso, transfere-se *sentido*); esse aparelho seria uma espécie de máquina de retórica com a qual o analista tem de trabalhar em seu ofício terapêutico.

**Palavras-chave:** transferência; figura; psicanálise; retórica; sentido.

#### Abstract

Through a semantic and conceptual analysis, this article intends to revisit the Freudian concept of transference (*Übertragung*), putting it in contact with the field of rhetoric. In fact, the expression “in a figurative sense” can be said, in German, *im übertragenen Sinn*, literally “in a transferred sense”. Starting from this semantic fact, we turn to rhetoric and its definition of figure, seeking to relate it to a non-clinical use of the verb *übertragen* in Freud himself. One notices that, before being a clinical concept, the verb *übertragen* and the noun *Übertragung* had much broader meanings under Freud’s pen which were very close to the rhetorical definition of figure. “Transfer”, finally, would be a generic operation of the psychic apparatus, at once dynamic (psychic energy is transferred) and semantic (thereby, meaning is transferred); this apparatus would be a kind of rhetorical machine with which the analyst has to work in his therapeutic work.

**Keywords:** transference; figure; psychoanalysis; rhetoric; meaning.

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pela USP. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Email: pedrofsouza@gmail.com

### **Introdução**

A transferência é sabidamente um dos principais conceitos do campo psicanalítico. Além de ser uma noção de extrema importância para a teoria psicanalítica como um todo (e, ademais, para as diversas linhas teóricas que compõem o campo), ela é central na prática clínica. Essa centralidade é ressaltada na definição que dão Laplanche e Pontalis (2001) do termo, em seu *Vocabulário de Psicanálise*: “a transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este” (p. 514).

A primeira aparição “clínica” do termo, denotando a projeção de conteúdos psíquicos (memórias, afetos, etc.) para a pessoa do analista ou para as circunstâncias da relação terapêutica, data de 1895 no último capítulo dos *Estudos sobre histeria*, denominado *Sobre a psicoterapia da histeria*. Nele, Freud já dizia que, em certos casos, o paciente “transfere [überträgt] emergentes representações penosas para a pessoa do médico” (Freud, 1895, p. 308). Esse fenômeno, afirma Freud, ocorre “em algumas análises” e é algo “regular” nelas. Aqui, portanto, a transferência clínica não é reconhecida por Freud como um componente universal do processo psicoterapêutico. Esse reconhecimento virá dez anos depois, quando da publicação do caso Dora. É nesse texto, vindo a lume em 1905, que se encontra a definição clássica de transferência: “que são as transferências [Übertragungen]? São reedições, reproduções de impulsos e fantasias, que pretendem tornar-se despertas e conscientes no avanço da análise, com uma substituição [...] de uma pessoa anterior pela pessoa do médico” (Freud, 1905, p. 279). Entre 1895 e 1905, portanto, houve uma ampliação do conceito, que passou, no que se refere à sua incidência numa psicoterapia, de circunstancial para universal. Após 1905, a importância clínica e teórica do termo só irá aumentar, culminando na centralidade incontornável que conhecemos hoje.

Entretanto, o trecho recém citado de 1895 não é o primeiro em que um termo do campo semântico da *Übertragung* aparece em Freud. Sendo uma palavra comum à língua germânica – que se tornou posteriormente um conceito psicanalítico –, não é de espantar que ela tenha comparecido anteriormente sob a pena freudiana e com outro sentido. Ao discorrer sobre certos sintomas somáticos histéricos, Freud afirma:

Todas essas sensações e inervações pertencem à “expressão das emoções”, que, como nos ensinou Darwin, consiste de atividades originalmente significativas e apropriadas para algum fim; elas podem atualmente estar tão enfraquecidas, que sua expressão linguística nos aparece como transposição figurada [*bildliche Übertragung*], no entanto é muito provável que tudo isso tenha sido outrora entendido literalmente, e a histeria tem razão quando restaura o significado original da palavra para as suas inervações mais fortes. (Freud, 1895, p. 251)

Nesse trecho, o termo *Übertragung*, qualificado com o adjetivo *bildlich* (“figurado”, “imagético”; cf. *Bild*, a “imagem”), não pode ser traduzido muito simplesmente por “transferência”. Trata-se de uma “transposição” ou “representação” por imagem, feita no sintoma histérico, entendido como imagem corpórea de um símbolo perdido. Freud se refere às expressões linguísticas como “uma pontada no coração” ou “algo ficar entalado na garganta”: é bem provável, argumenta ele, que, quando somos ofendidos e não reciprocamos a ofensa, haja realmente inervações na nossa garganta. Dizer que algo “ficou entalado na garganta” não teria, assim, originalmente um sentido figurado, mas sim literal. O mesmo ocorreria com alguns sintomas histéricos, que recuperariam o sentido *original* de expressões linguísticas tornadas, com o tempo, figuradas (*bildlich*).

Nota-se aqui uma aproximação da palavra *Übertragung* (“transferência”) com a noção de figura de linguagem. Ora, é no mínimo curioso constatar, indo ao dicionário, que o campo semântico do verbo *übertragen* – que traduzimos por “transferir” – comporta sentidos que o termo português não abarca. A expressão “em sentido figurado” pode ser dita, em alemão, da seguinte forma: *im übertragenen Sinn*. Traduzindo literalmente: “em sentido transferido”. No campo semântico do verbo *übertragen*, portanto, já se encontra um sentido bem alheio ao verbo lusitano “transferir”, sentido este pertencente ao domínio da retórica. Poderia haver uma relação entre a transferência clínica, conforme Freud a descreveu, e o sentido figurado ou “transferido” (*übertragener Sinn*)? Nós cremos que sim. Para desenvolver essa linha de raciocínio, será preciso recorrer à retórica, para depois voltarmos aos textos freudianos.

## 1 – Figuras semânticas na Retórica

Vejamos a definição que dá Lausberg da figura, tal como entendida na disciplina da retórica:

A mudança artística da posição normal é chamada *ordo artificialis* ou *figura* (σχημα). As figuras são, por exemplo, a sequência de eventos na *narratio* que

não corresponde à sequência histórica de eventos (algo como na *Odisseia*, que começa no meio da sequência de eventos e depois recupera as fases anteriores da sequência de acontecimentos como uma história na boca de Odisseu) ou a sequência de partes de frases que não é usual na língua. As figuras aparecem como *figuras de pensamento* e como *figuras verbais*: têm o efeito de estranhamento, que atrai a atenção e assim neutraliza o tédio, mas por outro lado a credibilidade média enfraquece (Lausberg, 1990, p. 28)

Assim, uma figura pode ser a alteração da ordem das palavras numa sentença (figuras verbais), ou uma alteração do seu conteúdo (figuras de pensamento). Em todo caso, uma figura opera ali onde uma forma mais “usual” de dizer operaria, mas é preterida em prol do efeito que a figura suscita (no leitor, ouvinte, espectador, etc.). Uma figura está sempre no lugar de algo “literal”, isto é, de uma relação de palavras usualmente empregadas pelos falantes da língua. O hipérbato, por exemplo, consiste em inverter a ordem usual (*ordo naturalis*) da sentença, tornando-a *ordo artificialis*: em vez de “As margens plácidas do Ipiranga ouviram...”, “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas...”. No caso das figuras de pensamento, é toda a conformação lógica de um conteúdo expresso em palavras que é alterada. Caso se queira, por exemplo, expressar impaciência pelo fato de outrem não ter atentado às palavras várias vezes repetidas, pode-se dizer: “Já te disse isso muitas e muitas vezes e você não fez nada, por isso perdi a paciência contigo”. Mas é possível substituir essas orações analíticas e explícitas pela figura da hipérbole: “Eu já te disse isso um milhão de vezes”.

Uma das figuras mais famosas é a metáfora, que se pode definir como uma “comparação encurtada”. Nela, uma palavra em seu sentido próprio é substituída por outra, que guarda certa semelhança com ela e que se deseja enfatizar (Lausberg, 1990, p. 78). Quer-se, por exemplo, ressaltar a bravura de um soldado por meio de sua comparação com um leão. Pode-se, pois, dizer: “Ele é corajoso como um leão”. A metáfora consiste na supressão da partícula comparativa: “Ele é um leão”. Junto à metáfora, costuma-se pensar na metonímia como a segunda grande figura de linguagem (e essa dupla, sabemos, tem toda uma importância dentro de uma certa escola psicanalítica). No entanto, existem muitas outras figuras semânticas para além delas. O paradoxo, por exemplo, pode surtir efeitos insubstituíveis. Em vez de escrever “O amor é uma paixão muito complexa, cujas manifestações perceptivas e sensoriais podem contradizer-se a si mesmas, assumindo assim a aparência de algo contraditório”, é possível redigir algo do tipo: “O amor é um contentamento descontente”. Somente um espírito muito míope diria estar Camões errado, com o argumento de que nada pode ser um “contentamento descontente”, visto que esse sintagma apresenta flagrante transgressão do princípio lógico de não-

contradição. De modo similar, todos sabem que o emissor do juízo “Eu já te disse isso um milhão de vezes” não proferiu a frase em questão um milhão de vezes.

Aqui se nota um fato central para a compreensão semântica das figuras. Para que se compreenda a formação de sentido operada pela figura, é preciso não se ater às puras relações lógicas dos elementos significantes envolvidos. Ao contrário: ler uma figura *ad litteram* é colocar-se fora de toda e qualquer utilização retórica e poética da linguagem. Isso significa que o campo da retórica se situa à parte do campo da lógica propriamente dita, tal como a define Aristóteles. Segundo o filósofo, a lógica é o campo do conhecimento que trata de enunciados declaratórios (ou judicativos), para os quais se pode (e se deve) aplicar a regra do terceiro excluído. Mas nem tudo que é linguagem é dessa ordem:

Todo discurso [λόγος] é significativo [σημαντικός] [...], porém nem todo [discurso] é declaratório, mas apenas aquele em que subsiste o ser verdadeiro ou o ser falso. E nem em todos os discursos isso subsiste: por exemplo, a prece é discurso [λόγος], mas não é nem verdadeira, nem falsa. Deixemos portanto os outros discursos – pois seu estudo é mais conveniente à retórica ou à poética (Aristóteles, 16b33 – 17a 6).

Por essa definição, observa-se claramente que, para ser compreendida, uma figura não deve ser lida de acordo com a regra do terceiro excluído. Ou seja, numa figura um juízo atributivo cujo conteúdo pode ser verificado ou analisado em termos de verdadeiro e falso é substituído por um juízo cuja veracidade não tem importância. O sentido de um sintagma figurado, portanto, reside justamente no fato de sua análise não pertencer ao campo da lógica (tal como definida por Aristóteles).

Assim, o sentido da oração “Os olhos são órgãos do sentido da visão no homem” é de natureza muito distinta do da oração “Os olhos são a janela da alma”. Não só porque a coisa que comunicam é diferente, mas pelo fato de a primeira oração ser um juízo sintético cujo conteúdo pode ser verificado na realidade (é cabível endereçar a essa oração a pergunta: É falsa ou é verdadeira?), enquanto a segunda oração é um juízo sintético cujo conteúdo *não deve ser verificado na realidade*. Os olhos *não são janelas*, e é precisamente por isso que a frase “Os olhos são a janela...” tem um sentido.

Aqui temos de dar a ênfase necessária à *supressão* de partículas lógicas que caracterizam certas figuras semânticas. Em “Ele é um leão” está *ausente* muito precisamente o elemento que confere sentido à frase, aquilo que se costuma chamar de *tertium comparationis*, o “terceiro da comparação”. Entre fulano e um leão, há um

elemento comum que desejo enfatizar: sua bravura extrema. Para conferir essa ênfase à minha frase, não elaboro uma mera comparação (“Ele é corajoso como um leão”), mas sim uma metáfora (“Ele é um leão”). Nota-se o que se perde com a transposição de uma frase figurada para sua versão literal: o *efeito*. A frase perde em força, estranheza, beleza, brilho, ênfase, e assim por diante. O sentido de um sintagma figurado, portanto, não está no campo do verdadeiro e do falso, mas sim no do *efeito* que ele suscita em seu receptor.

É com a omissão do *tertium comparationis* que se funda o *sentido* de uma figura semântica. Pode-se então entender por que o sentido figurado é também sentido “transferido”: não é em seu sentido *próprio* (dicionarizado) que determinada palavra é empregada, mas sim num outro sentido, adquirido via “transferência” de uma outra palavra ou ideia (a ideia de “coragem”, assim, é transferida para o termo “leão”, que a substitui e a representa). Para os falantes de uma língua, esse *tertium comparationis* está subentendido; caso o ouvinte ou leitor não apreenda o elemento faltante e subentendido com o qual a figura é construída, ele não compreenderá essa figura. O termo substituto parecerá *estranho* ou mesmo absurdo. Dizer “Ele é um leão” é compreensível, mas dizer “Ele é um rinoceronte” não é. Caso o contexto não mostre a que *tertium comparationis* se faz referência, jamais saberemos em lugar de que outro elemento está o termo “rinoceronte”, o que faz a frase parecer sem sentido.

Esse mesmo efeito de absurdo, sem sentido ou estranheza, o leitor poderá ter notado, é o que caracterizará também uma série de produtos psíquicos: os sintomas neuróticos, os sonhos, os atos falhos – e os fenômenos clínicos da transferência.

## 2 - Outros sentidos de “transferência”

Mas entre 1895 e 1905 a *Übertragung* marca presença nos textos freudianos fora do seu sentido clínico. No chamado *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, mas publicado postumamente apenas em 1950, o termo *Übertragung* e o verbo *übertragen* são usados para se referir às transferências de quantidades entre neurônios, mais especificamente a transposição da quantidade exógena (que chega aos neurônios- $\phi$ , os da percepção) para dentro do sistema nervoso, isto é, para os neurônios- $\Psi$  (os neurônios da memória, sem contato direto com o mundo externo). Enquanto, no esquema-reflexo, a quantidade que chega em  $\phi$  é simplesmente *liberada e descarregada* por meio de músculos ou glândulas, entre os próprios neurônios “ocorre apenas transferência [*Übertragung*]” (Freud, 1950, p. 399). “Os neurônios- $\Psi$  terminam nos neurônios- $\phi$ , dos quais uma parte da quantidade é transferida [*übertragen*], mas apenas uma parte, algo

como um quociente que corresponde a uma grandeza intercelular de estímulo” (Freud, 1950, p. 399). Isso estaria relacionado a uma característica fundamental do psiquismo para Freud: “em  $\Psi$ , quantidade se expressa através de complicação” (Freud, 1950, p. 399). Aquela quantidade que adentra o sistema- $\Psi$  (uma quota dos estímulos visuais, auditivos etc. recebidos pelos órgãos dos sentidos) passa nele por uma transformação, originando uma rede de complicações associativas, que Freud denomina *Bahnungen*, as famosas “vias facilitadas” ou simplesmente “facilitações”. Entre os neurônios, abrir-se-iam caminhos mais ou menos facilitados, por onde a energia passaria mais ou menos facilmente – e a diferença entre essas facilitações constituiria a memória.

Freud abandonou em boa medida o vocabulário neurológico do Projeto, sabe-se bem, mas uma parte da rede conceitual nele desenvolvida permaneceu viva na sua obra posterior, e especialmente na *Interpretação dos sonhos*, de 1900. Nela, os termos destacados (*Übertragung* e *übertragen*) comparecem com um sentido muito similar – senão formalmente idêntico – ao de 1895. Em vez do sentido neurológico, vemos aparecer o sentido metapsicológico e genérico da transferência:

Ora, torna-se evidente a ideia de que no trabalho do sonho se manifesta um poder psíquico que, de um lado, despoja de sua intensidade os elementos de alto valor psíquico, e de outro lado, *pelo caminho da sobredeterminação*, a partir de elementos de menor valor, cria novos valores que chegam então ao conteúdo do sonho. Se for mesmo assim, ocorreu na formação do sonho *uma transferência [Übertragung] e deslocamento das intensidades psíquicas dos elementos individuais*, como cuja consequência aparece a diferença textual entre o conteúdo do sonho e os pensamentos oníricos. O processo que assim supomos é precisamente a parte essencial do trabalho do sonho: ele merece o nome de *deslocamento do sonho*. *Deslocamento e condensação do sonho* são os dois mestres artesãos a cuja atividade, principalmente, podemos atribuir a configuração do sonho (Freud, 1900, p. 313).

São notáveis alguns pontos nesse trecho. Em primeiro lugar, Freud está uma vez mais dizendo da transferência de “quantidade” (nesse caso, de “intensidade”), mas, como já adiantamos, em vez dos meros “neurônios”, encontramos os “elementos de valor psíquico”. Assim, a transferência consiste na transposição da intensidade (da *Besetzung*, “investimento”, como é o vocabulário mais usual de Freud) entre representações psíquicas. Por exemplo: se um conjunto de representações concernentes a uma fantasia reprimida tem vinculação com o desejo formador do sonho, mas não pode aparecer enquanto tal na consciência, para contornar a censura o trabalho do sonho extrai a sua intensidade psíquica e a *transfere* para outros elementos, desimportantes ou marginais, que poderão então chegar a formar o conteúdo manifesto do sonho. Ora, nesse trecho a

transferência é praticamente equivalida ao *deslocamento*, que, como se sabe, é o nome genérico dado por Freud a um dos dois tipos de processos psíquicos primários. *Übertragung*, aqui, é um processo psicológico muito mais genérico do que comumente se reconhece.

E esse não é um trecho isolado. *Übertragung* e *übertragen* emergem na *Interpretação dos sonhos* repetidamente, quase sempre com o sentido que recém-destacamos. No livro inteiro, “transferência” não é jamais a transferência clínica, conceito canônico que se afixará nos vocabulários e léxicos psicanalíticos, mas sim um quase sinônimo do *deslocamento*. Veja-se por exemplo o seguinte trecho, em que Freud lança mão de uma curiosa analogia para ilustrar as relações entre pré-consciente e inconsciente:

A partir dela [a psicologia das neuroses], ficamos sabemos que a representação inconsciente é geralmente incapaz, enquanto tal, de ingressar no pré-consciente, e que só consegue nele surtir algum efeito ao unir-se a uma representação inofensiva já pertencente ao pré-consciente, para a qual transfere [*überträgt*] a sua intensidade e com a qual consegue encobrir-se. É o fenômeno da *transferência* [*Übertragung*], que contém a explicação para tantas ocorrências notáveis na vida anímica dos neuróticos. A transferência [*Übertragung*] pode deixar inalterada a representação do pré-consciente, que com isso alcança uma intensidade imerecidamente grande, ou lhe impingir uma modificação por meio do conteúdo da representação que se transfere [*übertragend*]. Perdoem-me a tendência a fazer analogias a partir da vida cotidiana, mas sou tentado a dizer que as circunstâncias de uma representação reprimidas são similares àquelas que um dentista norte-americano encontra em nossa pátria; ele não pode exercer sua profissão caso não se sirva de um doutor de medicina formado oficialmente como fachada e cobertura diante da lei. E, assim como não são os médicos mais atarefados que contraem uma tal aliança com o dentista, também no que é psíquico não são eleitas, para a cobertura de uma representação reprimida, aquelas representações pré-conscientes ou conscientes que atraíram suficientemente a atenção ativa no pré-consciente” (Freud, 1900, p. 568).

A representação que aparece “rouba” a intensidade de uma outra representação, que fica assim encoberta, apenas implícita. Assim é que se fabrica o *sentido* do sonho: substituindo-se e condensando-se elementos uns nos outros. Por meio da *transferência de intensidade*, um elemento é posto *no lugar* de outro, sem que a ligação entre ambos seja imediatamente reconhecível: donde a aparente insensatez ou absurdidade do sonho. A transferência de *quantidades de energia*, portanto, tem em Freud resultados *semânticos*: um médico não é exatamente um dentista, mas este está ali, encoberto e exercendo sua profissão, justamente porque o médico oficializado comparece *em seu lugar*. Ocorre o mesmo nos sonhos: se sonhamos com X, é nosso dever, caso queiramos interpretar o sonho, buscar o elemento Y em cujo lugar emergiu X. O sentido do sonho reside não somente na ausência do elemento original, de valor “merecido”, mas também – e

sobretudo – na omissão dos vínculos que unem os dois elementos em questão. É a chamada “compulsão a associar” (*Assoziationszwang*) que, no caso da exclusão de determinado elemento do círculo associativo (*Y não pode* manifestar-se), tem consequências *semânticas*, como bem destacou Gabbi Jr. (2003, p. 91). Nota-se desde já um fator central na “hermenêutica” freudiana: o *sentido* de um produto psíquico é resultado, sempre, de um jogo (quantitativo) de forças, por meio do qual se excluem certos elementos psíquicos do âmbito da consciência e se coagem outros elementos, seus substitutos, a os representar.

Isso justifica que consideremos a *Übertragung* como uma “figuração” em seu sentido retórico, como um processo (nesse caso psíquico, de deslocamento de intensidades psíquicas) de “fazer figura”. É como se o sonho nos apresentasse (eis a *Darstellbarkeit* freudiana) o resultado de um processo metafórico: X aparece no sonho *no lugar* de Y, e o *tertium comparationis* que dá *sentido* a esse deslocamento está oculto, apenas implícito. O sonho apresenta o “leão”, e nós não podemos saber, imediatamente, em lugar de que outro elemento está esse leão. Donde a aparente falta de sentido do sonho, donde a sua interpretabilidade.

É cabível, portanto, ler o trabalho do sonho, tal como operado pelo aparelho psíquico freudiano quando o organismo dorme, como um trabalho eminentemente retórico. O aparelho psíquico seria, nesse caso, uma grande máquina de retórica. Precisadas, sobre isso, são as seguintes palavras de Benveniste:

O inconsciente usa de uma verdadeira “retórica” que, como o estilo, tem suas “figuras”, e o velho catálogo dos tropos forneceria um inventário apropriado aos dois registros da expressão. Encontra-se aí, por toda parte, todos os procedimentos de substituição engendrados pelo tabu: o eufemismo, a alusão, a antífrase, a preterição, a lítotes. A natureza do conteúdo fará aparecer todas as variedades da metáfora, pois é de uma conversão metafórica que os símbolos do inconsciente extraem seu sentido e sua dificuldade, concomitantemente. Eles empregam também o que a velha retórica denomina a metonímia (continente pelo conteúdo) e a sinédoque (parte pelo todo), e se a “sintaxe” dos encadeamentos simbólicos evoca um procedimento de estilo entre todos, é a elipse. (Benveniste, 1956, pp. 86 - 87)

### 3 – Figuras da retórica e produção do sintoma

O “trabalho retórico” do aparelho psíquico não é notável apenas na formação do sonho. Os mecanismos empregados no trabalho do sonho, Freud não cansou de repeti-lo, são exatamente os mesmos observáveis em ação na produção do sintoma. Se tomamos ao pé da letra a sinonímia entre “transferência” e “deslocamento”, isso fica ainda mais claro. No *Projeto*, Freud (1950) diz com todas as letras que “o processo patológico é o de um

deslocamento, tal como tomamos dela conhecimento no sonho, ou seja, é um processo primário” (p. 429). Em que consiste esse deslocamento? No estabelecimento, pelas *Bahnungen* associativas, de uma “falsa ligação” (*falsche Verknüpfung*) – termo central, ao qual voltaremos mais adiante. No caso analisado, Emma não pode ir sozinha a uma loja. Essa sua inibição patológica, Freud a qualifica como aparentemente “sem sentido”, “insensata”, mas na investigação do caso, ele cuida de forçar a rememoração das cenas que lhe subjazem. Na primeira cena recordada, com doze anos, entra numa loja sozinha e vê dois balconistas rindo entre si; ela pensa que riem do seu vestido; além disso, sente uma estranha atração sexual por um deles. Essa cena, diz Freud, não explica o sintoma, que ainda permanece estranho. Por isso, pede-se que uma segunda seja recordada: aos oito anos, Emma foi a uma mercearia comprar doces; o merceeiro beliscou-a nos genitais por sobre o vestido. Entre as duas cenas, há elos associativos: o merceeiro ria enquanto perpetrava seu ato perverso, e ela estava sozinha numa loja. Nesse caso, prossegue Freud, o sintoma se fixou no vestido (do qual, Emma crê, estariam rindo os balconistas); este é o elemento visível, manifesto, para o qual é deslocada a intensidade psíquica de outros elementos, mais mercedores dessa importância:

A conclusão de não permanecer sozinha na loja, por conta do perigo de um atentado, é formada de modo totalmente correto, quando se consideram todos os pedaços do processo associativo. Mas nada do processo [...] chegou à consciência a não ser o pedaço “vestido”, e o pensamento trabalhando conscientemente criou duas falsas ligações [*falsche Verknüpfungen*] a partir do material à sua disposição (balconistas, riso, vestido, sensação sexual), isto é, que ela fora ridicularizada por conta do seu vestido e que um balconista lhe despertara uma excitação sexual. (Freud, 1950, p. 434)

Ou seja, o sintoma é apenas aparentemente sem sentido, pois ao se restabelecerem os elos associativos perdidos, esclarece-se sua motivação. A interpretação freudiana capta, do que não é lógico, os elos lógicos que faltam. Aqui, contudo, “o que não é lógico” não é sinônimo de “irracional” ou “passional”, mas sim de retórico. Entre o elemento “vestido” e a angústia sentida por Emma ao ver os balconistas rindo, estabeleceu-se uma “falsa ligação”, uma conexão ausente de lógica, isso porque os conectores lógicos se perderam – e se perderam à força (eis a repressão, a *Verdrängung* freudiana). Entre o “vestido” e o complexo de representações da primeira cena (entrar numa loja sozinha, o riso do merceeiro, a violação sexual) se estabelece uma relação metonímica que lhe confere um valor muito similar ao da bolsa de Anna Karenina na cena de seu suicídio, segundo a bela e célebre leitura de Jakobson (1921). A diferença é que, em vez de surtir

um efeito narrativo, a “metonímia” histórica opera um efeito patológico, sintomatológico; por outro lado, se Tolstói narra a famosa cena com palavras, a histórica vive o seu sintoma sem poder compreender, com palavras, seu sentido (nós ainda voltaremos a essa característica fundamental da *Übertragung* freudiana).

Poucas páginas antes, Freud já esquematizara esse processo – segundo nossa interpretação, retórico – da *Symptombildung* (formação de sintoma). Um paciente histérico, por exemplo, chora toda vez que a ideia A lhe aparece à mente. A análise faz emergir, associada a A, uma outra ideia, B – e B, por sua vez, é *realmente digna de choro*. “É como se A se encontrasse no lugar de B. A tornou-se o substituto, o símbolo de B. Daí a sua incongruência, A é acompanhada de consequências para as quais não parece digna, que não lhe convêm” (FREUD, 1950, p. 429). A *Symptombildung*, portanto, é também uma *Symbolbildung*, uma “formação de símbolo”. Esta, porém, existe igualmente na vida normal: o soldado luta por um pano multicolorido, o cavalheiro se bate pela luva da dama. A diferença substancial reside no seguinte: o cavalheiro sabe que a importância da luva não está na própria luva, mas na dama à qual está associada; além disso, a importância da luva não diminui a importância (prioritária, primordial) da dama. O neurótico, por sua vez, não sabe da associação entre A e B, mas apenas chora quando A aparece; além disso, a ideia B, alheia à sua consciência, não tem nenhuma influência imediata sobre sua vida psíquica: “aqui, o símbolo substituiu completamente a coisa” (Freud, 1950, p. 429). Atenção, aqui, seja dada ao advérbio “completamente”: a substituição é total, a ligação entre símbolo e coisa está perdida, eis o sinal de que a figura, em seu sentido retórico, foi estabelecida. A importância psíquica foi transferida (*übertragen*) de B para A, e com isso A adquire um sentido *figurado* (*übertragen*).

Para o neurótico, o problema é que ele toma A como se fosse a coisa (B) que A substitui e representa. O neurótico não sabe que sofre de um “símbolo”. Ele padece de uma equação metafórica (“Ele é um leão”), e não de uma comparação (“Ele é corajoso como um leão”). O trabalho do analista, nesse quesito, é restabelecer os elos lógicos cuja omissão é precisamente o que caracteriza o caráter retórico do “fazer figura”. O trabalho do aparelho psíquico, ao formar um sintoma, é sintético; o trabalho do analista é – como diz o nome – analítico.

O mesmíssimo processo é verificável, por fim, na própria transferência clínica. Em 1938, por exemplo, ao tratar do tema em seu (inconcluso) *Compêndio de psicanálise*, Freud afirma que o paciente não consegue ver no seu analista um mero “auxiliador”, ao modo de um “guia numa excursão pelas montanhas” – isto é, a relação que o paciente

estabelece com o analista não é meramente profissional –, “mas sim enxerga nele um retorno – uma reencarnação – de uma pessoa importante da sua infância ou passado, e por isso transfere [*überträgt*] para ele sentimentos e reações que certamente se aplicaram a esse modelo” (Freud, 1938, p. 100).

Logo a seguir, Freud prossegue: “essa transferência [*Übertragung*] é ambivalente, ela abrange atitudes positivas, ternas, assim como negativas, hostis para com o analista, que via de regra é colocado no lugar de um progenitor, da mãe ou do pai” (Freud, 1938, p. 100). Ora, não deve passar despercebida a expressão “no lugar de”, tão importante nesta nossa análise: pela transferência, o analista é posto *no lugar de* uma pessoa muito mais importante que ele, para quem aquelas reações e emoções seriam válidas e justificáveis. No entanto o paciente sente medo, raiva, desejo etc. por uma pessoa, o analista, que não tem nenhuma importância para ele. Assim como no sintoma neurótico A estava no lugar de B, e seu ingresso na consciência suscitava reações justificáveis não a A, mas a B, no caso da transferência clínica o analista é objeto de diversos comportamentos e afetos *que não lhe convêm*, mas que conviriam muito bem a uma outra pessoa.

A mais “clássica” *Übertragung* freudiana – a clínica – é também uma “figuração”, também ela é um processo retórico de “fazer figura”. Não pode ser em vão que vejamos reaparecer a expressão “falsa ligação” quando da descrição inaugural desse fenômeno clínico, a de 1895. Nos *Estudos sobre a histeria*, Freud assere: “a transferência [*Übertragung*] para o médico ocorre por meio de uma falsa ligação [*falsche Verknüpfung*]” (Freud, 1895, p. 309). Nós vimos há pouco: no *Projeto*, Freud diz que o sintoma histérico se produz graças a “falsas ligações” estabelecidas entre os elementos disponíveis à consciência, visto que outros elementos psíquicos haviam sido reprimidos e, com isso, também os elos associativos entre eles. Ora, trata-se do exato mesmo processo na transferência clínica. Afinal de contas, por que o paciente transfere para o analista sentimentos que teria tido pelos pais, por exemplo, sendo que esse tipo de conduta é, tal como são os sintomas e sonhos, *completamente absurdo* caso avaliado fria e logicamente? Em primeiro lugar, cabe lembrar que o paciente não *sabe* que faz isso; no caso da transferência, “o analisando não *recorda* absolutamente nada do esquecido e reprimido, mas sim o *põe em ato*. Ele o reproduz não enquanto recordação, mas sim enquanto ato, ele o *repete*, sem saber que o repete, naturalmente” (Freud, 1914, p. 129). Eis uma concordância fenomenológica entre sintoma e transferência clínica: o paciente reage a A (um elemento do meio ambiente ou que adentra a sua consciência) tal como

reagiria a B (um elemento psíquico reprimido), mas não *sabe* que o faz. Ele apenas *vive* esse “símbolo”. A *Übertragung* freudiana é o estabelecimento de uma figura retórica no campo da vivência, não da comunicação.

Ademais, assim como no caso do sintoma neurótico, certos elos associativos estão faltando, e é precisamente a sua omissão que torna a transferência clínica um fenômeno pregnante de sentido e, portanto, interpretável. A ligação é “falsa” – do ponto de vista lógico – somente porque lhe faltaram elementos intermédios altamente importantes. Isso se torna notório no caso-modelo para o estudo da transferência, o caso Dora. Nele, como se sabe, Freud foi surpreendido pela ação transferencial de Dora, que encerrou o tratamento abruptamente. Freud perdeu o *timing* da transferência, que ficou assim sem análise. Seu elo intermediário – que a teria explicado e solvido – restou incógnito.

Quando houve o primeiro sonho, no qual ela advertiu a si mesma para abandonar o tratamento tal como anteriormente fizera com a casa do senhor K., eu deveria ter eu mesmo me sentido advertido e me adiantado a ela: “Agora você fez uma transferência [*Übertragung*] do senhor K. para mim. Você notou algo que a tenha feito concluir que tenho más intenções similares às do senhor K. [...], ou algo em mim lhe chamou a atenção, ou ficou sabendo de algo sobre mim que extorquiu sua afeição, como ocorreu antes com o senhor K.?” Então sua atenção se teria direcionado para algum detalhe da nossa relação, em minha pessoa ou na minha situação, por trás do qual se mantinha oculto algo análogo [*etwas Analoges*], mas muito mais importante, relativo ao senhor K., e através da solução dessa transferência [*Übertragung*] a análise teria conquistado o caso a um novo material da memória, provavelmente factício. (Freud, 1905, p. 282)

Aqui a ênfase deve recair no *etwas Analoges* que se mantinha oculto da consciência de Dora e que, caso descoberto, teria fornecido precisamente a associação pertinente, esclarecedora da transferência. O sentido da transferência tem, portanto, uma estrutura formalmente idêntica à dos sonhos e dos sintomas neuróticos: por meio dela, algo (B) desimportante está no lugar de outro elemento (A) muito mais importante, mas os elos que justificariam a comparação entre B e A estão perdidos, pois foram reprimidos. No caso Dora, a paciente fecha a porta do tratamento na cara do analista imprecitado, e a redação do caso testifica a incógnita sobejante do caso:

Assim, fui surpreendido pela transferência [*Übertragung*], e, por conta do X em que eu lhe lembrava o senhor K., ela se vingou de mim como quis se vingar do senhor K. e me abandonou, tal como ela acreditava ter sido por ele enganada e abandonada. Assim ela *pôs em ato* uma parte essencial das suas recordações e fantasias, em vez de reproduzi-la no tratamento. O que era esse X, isso eu não posso saber, naturalmente. (Freud, 1905, p. 283)

Eis aí expressa a omissão do *tertium comparationis*, componente essencial das figuras retóricas que derivam (segundo o pensamento analítico) de símiles, analogias ou comparações. Na transferência, o paciente não está simplesmente comparando o analista com outra pessoa, mas sim tratando o analista no lugar dessa outra pessoa. O paciente faz figura, portanto, com o analista: estando oculto o elemento X que associa A e B, a ligação entre eles está perdida, e não é posta no discurso num juízo comparativo (“você, A, se parece com B por causa de X”). Em vez da comparação, o paciente trata o analista numa verdadeira figuração: ele trata A como trataria B, graças a um detalhe do analista que inconscientemente o remete a X. Numa ação transferencial, é como se o paciente estivesse dizendo: “você, A, é na verdade B”. O grande problema, no entanto, é que ele não o diz, mas apenas coloca em ação o conteúdo desse juízo. Ele não comunica esse conteúdo, mas o atua. Não basta, pois, diagnosticar uma transferência clínica; é mister também encaixar os elos associativos que estão perdidos e com cuja omissão a transferência se torna um fenômeno interpretável.

### **As modulações e usos do discurso retórico**

Pôde-se diagnosticar, pois, uma identidade formal entre as figuras da retórica (em especial aquelas que são compostas de um *tertium comparationis* implícito) e vários dos fenômenos psíquicos analisados por Freud que, segundo ele, possuem sentido e são interpretáveis. Essa interpretabilidade não tem como base a coisa mesma, mas sim uma *Übertragung* prévia, uma transferência de intensidades psíquicas que confere ao novo fenômeno (um elemento do sonho, um sintoma psiconeurótico, um ato ou atitude perante o analista) um sentido impróprio, isto é, que não lhe cabe a princípio. “Sentido figurado” (*übertragener Sinn*) e “transferência” (*Übertragung*) podem ser consideradas, segundo a nossa leitura, noções afins na teoria freudiana.

Resta, contudo, ressaltar as diferenças entre os dois campos, pois a retórica lida com modulações e usos do discurso humano, seja ele falado, seja ele escrito, não com finalidades apodícticas ou lógicas, mas sim suasórias ou embelezadoras. Sobre isso, vejamos as palavras de Certeau:

O que é a retórica fundamentalmente? É um uso do discurso para mudar a vontade do outro. É, portanto, uma utilização pragmática da língua em função das relações de força. Sabemos que houve na elaboração da retórica uma análise cada vez mais sutil de diferentes maneiras de se utilizar a língua relativamente a essas relações de força. Por exemplo, a metonímia, a metáfora, a sinédoque, etc., são diferentes tipos, diferentes modelos, de operações em

uma língua relativos a relações de força. Desse ponto de vista podemos considerar que Freud constitui a volta à retórica. Nos sonhos, em todas as operações psicanalíticas – justamente relações de força –, ele restaurou a pertinência da retórica. Desse ponto de vista, sabemos que a ciência dos sonhos constitui exatamente uma revalorização de certas figuras da retórica mas não enquanto estas concernem à ornamentação da língua. (Certeau, 1985, pp. 16 - 17)

Certeau deixa claro: em Freud, não se trata da “ornamentação da língua”. Trata-se, sim, de “jogos de força”, mas cujos efeitos não se exercem (ou não se buscam) numa modulação linguística. A *Übertragung* freudiana é uma operação criadora de sentido (ela tem resultados semânticos), no entanto ela opera fora da linguagem articulada. Ela é uma colocação em ação, em vivência, daquelas figuras que a retórica escolar curou de catalogar em seus tempos áureos.

Para tornar isso mais evidente, é preciso retornar à descrição da transferência clínica de 1914. O tratamento psicanalítico, cujo método é o da associação livre, pede ao paciente que forneça ao analista quaisquer associações que lhe cheguem à mente; isso, diz Freud, engendra um longo trabalho rememorativo. No entanto, algumas coisas não são recordadas; como vimos, o paciente repete, em ação, precisamente aquilo que não é capaz de rememorar no plano da ideia. Ora, a causa dessa repetição em ato (com transferência para o analista de certos conteúdos psíquicos inconscientes) é justamente aquele “jogo de forças” apontado por Certeau. “Quão maior é a resistência, mais abundantemente o recordar é substituído pelo pôr em ação (repetir)” (Freud, 1914, p. 130). Uma psicanálise, para Freud, não é uma mera “arte do discurso”; ao contrário, ela é a colocação no discurso, à força, daquilo que tenta forçosamente escapar ao discurso. O diálogo com o paciente nunca é uma troca pacífica, mas sempre marcada por lacunas, por hesitações, por desvios, por negações – ou seja, por aquilo que se nega a ser uma pura troca. A resistência é a manifestação, no plano clínico, dos conflitos psíquicos latentes que subjazem ao sintoma mesmo. Ali onde há resistência, lê-se diversas vezes em Freud, deve-se pressupor uma repressão atuante – aliás, a magnitude dessa resistência será proporcional à energia utilizada para manter reprimido (isto é, afastado da consciência) o conteúdo psíquico em causa.

Aqui devemos nos lembrar da teoria freudiana da rememoração consciente e da sua relação com as chamadas *Wortvorstellungen* (as “representações de palavra”). Para Freud, há duas classes principais de representações: as de coisa (ou objeto) e as de palavra. Os sistemas mnêmicos inconscientes (*Ics.*) conteriam somente representações de coisa, oriundas da nossa experiência sensível com a realidade exterior; por outro lado, as

representações de palavra (em especial as representações acústicas) pertenceriam ao sistema pré-consciente (*Pcs.*), e seria muito precisamente a ligação entre representação de coisa e representação de palavra o que permitiria que uma lembrança ou ideia qualquer fosse rememorada no sistema consciente (*Cs.*). “O que podemos chamar de representação consciente de objeto se decompõe agora na representação de palavra e na representação de coisa, que consiste, senão nas imagens mnêmicas diretas de coisas, ao menos nos traços mnêmicos mais distantes e delas derivados” (Freud, 1915, p. 300). Lembrar-se conscientemente de algo requereria uma espécie de “sobreinvestimento” da representação de coisa pela representação de palavra a ela vinculada; isso permitiria perfazer a transição entre processo primário e processo secundário: a *tradução* da coisa em palavra permitiria dessarte um pensamento consciente a respeito da coisa que não mais fosse regido pelo princípio do prazer. Sobre isso, dizem Caropreso e Simanke (2006):

Segundo Freud, esse sobreinvestimento da representação de coisa, decorrente da associação desta com a palavra, é que faria com que a excitação em estado livre fosse ligada, levando, assim, à substituição do processo primário pelo secundário. Por isso, as representações de coisa que não fossem associadas a palavras permaneceriam insuscetíveis de se tornarem conscientes e permaneceriam regidas pelo processo primário, enquanto aquelas que fossem associadas a palavras se tornariam suscetíveis de consciência e passariam a integrar os processos psíquicos secundários. As primeiras constituiriam o sistema inconsciente, e as segundas, junto com as palavras a elas associadas, constituiriam o sistema pré-consciente (p. 108).

Ora, vimos há pouco que no tratamento psicanalítico há certas representações que o paciente *não consegue rememorar*, isso porque há uma resistência extrema contra seu ingresso na consciência. Essa impossibilidade de ingresso na consciência é sinônimo metapsicológico, portanto, da *impossibilidade de ligação com as representações de palavra correspondentes*. É precisamente isso o que faz a *repressão*, segundo Freud:

Podemos agora expressar com precisão o que a repressão, nas neuroses de transferência [*Übertragungsneurosen*], nega à ideia rejeitada: a tradução em palavras que deveriam permanecer ligadas [*verknüpft*] ao objeto. A representação não apreendida em palavras ou o ato psíquico não traduzido fica para trás, no *Ics.*, na condição de reprimido. (Freud, 1915, p. 300)

É por esse motivo, então, que um conteúdo reprimido produzirá um derivado *esquisito*, aparentemente *sem sentido*, na vida consciente do indivíduo: graças a um complexo *jogo de forças* dos quais os fenômenos apreensíveis pela consciência não passam do resultado. Em cada um dos fenômenos de *Übertragung* freudiana que vimos

até agora (no sonho, no sintoma, na transferência clínica), esse conteúdo reprimido, cuja ligação com palavras está *cortada*, não será conscientemente lembrado, mas terá sua intensidade psíquica *transferida* para outros elementos, escapando assim à comunicação por palavras. Ao contrário das figuras de linguagem da retórica, que se utilizam de recursos linguísticos, as figuras do inconsciente trabalham nas *margens* da comunicação, para se furtar a ela. A retórica é uma arte das palavras; a transferência, em Freud, é uma arte da sua ausência.

### Consideração finais

Psicanálise, portanto, não é uma arte do discurso, mas sim da captação daquilo que, pela imposição de discurso, tenta (e consegue) escapar a ele. Donde a recorrência intensiva da palavra *Kampf* (“luta”, “batalha”) para descrever a relação que tem o analista com seu paciente (ou melhor, com aquilo que há de reprimido em seu aparelho psíquico). No decorrer de uma psicanálise, a atitude do paciente para com sua neurose se altera: “a própria doença não deve mais ser algo desprezado por ele, mas deve tornar-se, antes, um oponente digno, uma parte do seu ser que se sustenta em bons motivos, da qual ele possa captar algo de valioso para sua vida futura” (Freud, 1914, p. 132). Essa mudança de atitude é refletida pela atitude metódica do psicanalista; este, diz Freud (1914):

[...] se equipa para uma luta [*Kampf*] contínua com o paciente, para manter no domínio psíquico todos os impulsos que o paciente gostaria de desviar para o domínio motor, e festeja como se num triunfo do tratamento quando consegue solucionar, por meio do trabalho da memória, algo que o paciente gostaria de descarregar por meio de uma ação (p. 133).

Ora, como se lê em 1917, o campo de fenômenos decisivo nesse conflito constituinte do processo terapêutico não é outro senão a própria transferência: “a transferência [*Übertragung*] se torna, portanto, o campo de batalha [*Schlachtfeld*] em que devem encontrar-se todas as forças que lutam entre si” (Freud, 1917, p. 472).

É nesse campo de batalha que o psicanalista atua – e a interpretação é uma de suas armas, não um mero dissolvente neutro de nós simbólicos a ele expostos por meio da palavra. Nada disso: o sentido de um fenômeno (de um sonho, um sintoma, um ato transferencial) é resultado sempre de um jogo de forças de cuja dinâmica o analista tem de participar caso queira resolvê-lo. Assim, longe de pertencer a uma dimensão ontológica distinta e autônoma, a ser designada com o nome singular de “simbólico”, em Freud os fenômenos prechos de sentido e interpretáveis são sempre a resultante de uma dinâmica

quantitativa inconsciente. O “sentido”, em Freud, não transcende a “força”; ao contrário, é justamente graças à força que o sentido é produzido. E ele é fabricado porque se cortaram, mediante a repressão, as ligações entre as representações; cortadas essas ligações, o novo fenômeno auferirá um sentido impróprio, figurado (*übertragen*). Transferir sentido, ou seja, expressá-lo mediante uma figura retórica, é em Freud o mesmo que não ser capaz de falá-lo (nem sequer de pensá-lo com palavras).

Aqui a *Übertragung* freudiana revela todo o seu valor teórico. Ela, como o *Trieb*, não designa processos ou fenômenos unívocos, mas sim ambíguos, entre o quantitativo e o qualitativo, entre o corpóreo e o psíquico. A transferência freudiana é primariamente transferência de energia, de quantidades atuantes dentro do organismo humano; mas essa transferência quantitativa tem resultados semânticos, sendo também transferência de sentido. Esse sentido, porém, não concerne ao uso suasório ou embelezador dos recursos da língua: em vez disso, ele é impresso à força no corpo da histérica, na relação material com o analista, na percepção alucinatória do sonho, justamente ali onde a língua nada pode fazer. A força, contraposta a outra força, força sua entrada no mundo da vida: assim ela se torna sentido, assim ela se torna vivência. O reprimido, tal como os aqueus da epopeia virgiliana, franqueia seu caminho à força: *fit via vi* (*Aeneis*, II, 494). E assim, em vez de ser um hermeneuta sereno ou um decodificador amante de ideogramas, o analista promove e explora os fundamentos bem pouco pacíficos da *Übertragung*: ele semeia o campo beligerado da transferência e colhe seus frutos pomposos de sentido. Ele é um interlocutor, é verdade, mas sua função interlocutora está fundamentada numa outra função, mais primordial, mais delicada: a de jogador, guerreiro e estrategista do sentido.

## Referências

ARISTÓTELES. *Da Interpretação*. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BENVENISTE, Émile. «Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne». *Problèmes de linguistique générale 1*, Paris: Gallimard, pp. 75-87, 1956.

CAROPRESO, Fátima. & SIMANKE, Richard Teisen. “A linguagem de órgão esquizofrênica e o problema da significação na metapsicologia freudiana”. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 18 n. 23, pp. 105-128, 2006.

CERTEAU, Michel de. (1985). “Teoria e método no estudo das práticas cotidianas”. *Anais do Encontro Cotidiano, Cultura Popular e Planejamento Urbano*, pp. 3-19, 1985.

FREUD, Sigmund & BREUER, Joseph. Studien über Hysterie. In Sigmund Freud, *Gesammelte Werke*, Band 1, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1895.

FREUD, Sigmund. Obras Completas. 19 Volumes. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 – 2024.

FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung. *Gesammelte Werke*, Bände 2-3, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1900.

\_\_\_\_\_. Bruchstück einer Hysterie-Analyse. *Gesammelte Werke*, Band 5, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, pp. 161-286, 1905.

\_\_\_\_\_. Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. *Gesammelte Werke*, Band 10, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, pp. 126-136, 1914.

\_\_\_\_\_. Das Unbewußte. *Gesammelte Werke*, Band 10, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, pp. 264-305, 1915.

\_\_\_\_\_. XXVII Vorlesung – Die Übertragung. *Gesammelte Werke*, Band 11, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, pp. 447-465, 1917.

\_\_\_\_\_. Abriss der Psychoanalyse. *Gesammelte Werke*, Band 17, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, pp. 63-139, 1938.

\_\_\_\_\_. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Imago: London, 1950.

GABBI JR., Osmyr Faria. *Notas a Projeto de uma Psicologia: As Origens Utilitaristas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

JAKOBSON, Roman. “Sobre el realismo artístico”. *Teoría de la literatura de los formalistas rusos*. Ciudad de México: Siglo Veintiuno Editores, pp. 71-79, 1921.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAUSBERG, Heinrich. *Elemente der literarischen Rhetorik*. München: Hueber, 1990.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.

Recebido em: 04/07/2024.

Aprovado em: 28/11/2024.